

-Projeto: Mapeamento de Terreiros de Candomblé – RJ- IPHAN
-Local da entrevista: Terreiro Asé Opó Afonjá.
-Logradouro: Rua Florisbela, 1029 Coelho da Rocha - RJ.
-Data da entrevista: 29 de Novembro de 2007.
-Entrevistada: Mãe Regina Lúcia-Regina Lúcia Tostes dos Santos.

Legenda: En - Entrevistadora Márcia Netto/ M.R- Mãe Regina/ F- Filha de santo.

M.R- Dei aula de primeira à quarta série e passei a dar aula de quinta à oitava, dava aula de artes plásticas e geometria.

En- O que eu acho legal, é que quase todos os cursos da área de artes tem essa habilidade, com a área de geometria, eu já não tenho muita...

M.R- Eu também não gosto de Matemática, somente da parte de geometria, e de Biologia.

En- Minha mãe foi professora durante 30 anos.

M.R- Pois é, eu trabalhei 28 anos, 25 de tempo normal, e 3 anos mais que dei para o estado e município. Eu tinha que aguardar a aposentadoria, demorou sair três anos, eu tive que ir trabalhando, e esperava o plano de cargos e salários.

En- Para começarmos, gostaria de perguntar se a gente pode gravar, trouxe máquina fotográfica e filmadora, o que não puder a senhora pode dizer, isso aqui não grava.

M.R -Pode sim. Daqui para lá pode filmar tudo, lá dentro com os quartos de santo, é que eu não deixo... Mas aqui na casa fiquem à vontade. Aquela senhora lá é a fundadora do nosso axé (se remete a uma foto), minha avó Aninha.

En- Ela é Aninha...

M.R- São dois axés, um aqui e um em Salvador.

En- Essa outra é quem?

M.R -É Agripina, ela foi a primeira filha de santo da Aninha.

En- Essa hierarquia aí ,é importante para a gente entender dentro do terreiro. Dentro do nosso projeto, nós temos uma ficha feita com os dados recolhidos durante a entrevista.

M.R -Isso aqui é de Nitinha, não é?

En- Isso é de Nitinha, eu trouxe o modelo. Então tem algumas coisas que a gente pega como o histórico da casa, histórico da mãe de santo.

M.R- Eu tenho que preencher?

En- Não, a gente é que preenche, é só para vocês saberem como é o modelo, porque nós fizemos 20 terreiros, o material está arquivado no IPHAN, chama-se inventário de bens imateriais, lá quem quiser pode consultar o material, constam informações da ficha, fotos , gravações. Se a senhora quiser a gente volta aqui e fotografa as fotos para colocar no trabalho. A nossa pretensão é lançar até maio um CDROOM, com os dados de todos os terreiros levantado,serão os que tem importância histórica, e também para divulgar os terreiros nas escolas, por conta da disciplina História da África, curso sobre a História da África. Colocaremos o material à disposição de museus e escolas. Até o momento somente os terreiros da Bahia foram levantados, e inclusive alguns foram tombados como o Opo Afonjá. Se mais tarde vocês quiserem podem pedir o tombamento.

M.R- Eu gostaria muito, mas a documentação está toda irregular.

En- Tem que ter estatuto.

M.R- Estatuto tem, só que está antigo.

En- Tem que modificar?

M.R- Tem que modificar , tem que atualizar, embora a gente tenha presidente, vice, tesoureiro, secretaria, as nossas reuniões não são registradas.

En- Não tem ata não é?

M.R- A gente faz ata para nós, mas não registramos.

En- Fica caro?

M.R- Fica, fica...

En- Gostaria de saber como o Opo Afonjá começou aqui?Algumas informações que tive é que pessoas da Bahia trouxeram o Opo Afonjá da Bahia para cá, eu gostaria que a senhora explicasse isso.

M.R- Eu não vou detalhar porque já sou da terceira geração aqui, e o que eu ouvi dos mais velhos é que **a minha vó Aninha também não tem datas. Ela veio de Salvador, era do Engenho Velho, e houve a separação Engenho Velho, Opo Afonjá e Gantois, e assim ela fazia orixá em Salvador nas residências, e aí resolveu juntar um grupo de homens, ela a única mulher e chegou no Rio de Janeiro, na Pedra do Sal, no Castelo. Fundou o Axé e este foi aos poucos subindo, esteve no Rocha, Cavalcante e chegou aqui em Coelho da Rocha. Não era bem nesse local, era lá na esquina. Depois então é que passou para cá, ela recebeu o terreno como doação e deixou o axé fundado aqui, voltando para Salvador em 1910, porque anteriormente, ela já fazia orixá, mas nas residências, aí ela fundou o axé Opo Afonjá, lá em Salvador em 1910.**

En- Mãe Aninha?

M.R- Mãe Aninha, minha avó. O primeiro barco dela, a mãe Agripina estava, não sei quantos filhos foram, quantos estavam no barco, mas Agripina estava, foi quando ela trouxe a mãe Agripina para ser Yalorixá dela, deste axé. Mãe Agripina, atuou aqui junto com outras pessoas da Bahia até 1964, quando morreu, em 1966, mãe Cantu assumiu

En- Mãe Cantu também é daqui?, Falamos com o pai Bira de Xangô, e ele falou da mãe Cantu...

M.R- Sou a primeira filha de Mãe Cantu

En- Eu não tinha compreendido que ela vinha dessa casa aqui, pensei que fosse de Salvador...

M.R-Ela fez santo em Salvador, só que quando Mãe Agripina morreu ela já estava aqui no axé, e assumiu como Yalorixá. Até 1988, quando ela foi para Salvador. Ela assumiu em 1966 e foi até 19/02/1988, depois voltando em 1991, depois não voltou mais ao Rio, Voltou para o axé dela, lá ela tinha a casinha, o barco dela, e a casa de Oxalá.

En- Atropelou uma coisa para mim, é confuso, não entendi... A Mãe Aninha era do Engenho Velho, como houve essa cisão?

M.R- Nunca entrou em detalhes, eu sei que houve uma cisão, que do Engenho Velho surgiu o Opo Afonjá e o Gantois.

En- Mas essa história é verdadeira?

M.R- Verdadeira...

En- Porque eu já tive informações de que aconteceu diferente...

M.R- Foi isso mesmo que aconteceu.

En- Mãe Aninha era da África?

M.R- Era. Yá nassô, yadetá e yakalá, que eram as responsáveis pelo Engenho Velho.

En- Engenho Velho, e aí cada uma fundou o seu axé?

M.R- Sim.

En- Outro dia li sobre o pessoal da Cachoeira da Boa Morte...

M.R- É Jejê, minha avó fez parte dessa instituição.

En - Foi criada nessa mesma época...

M.R- Pertenceu à igreja, que tem ali na rua da Alfândega, uma igreja dos negros...

En - Nossa Senhora dos Homens Pretos?

En - Aquela que tem na Uruguaiana?

M.R-Não é na Uruguaiana.

En - Na Alfândega, tem a igreja de São Jorge, e tem outra...

M.R- Ali perto na Avenida Passos.

En - Sei qual é não lembro o nome.

M.R-Ela fazia parte dali, e do Rosário, na Uruguaiana. Aqui nós tínhamos as roupas dela, ela ia para a missa, tinha aquela fita vermelha, ela foi do sagrado coração de Jesus.

En - O que entendi da Nossa Senhora da Boa Morte é que foi criada uma associação de mulheres dentro da Igreja.

M.R- Isso.

En - Para a camuflagem, já que não se podia cultuar o Candomblé publicamente...

M.R- É, ou cultuava em quintais ou era uma coisa bem abafada, porque a polícia não deixava, ou elas puxavam as pessoas que frequentavam lá.

En - As pessoas se confundem achando que houve sincretismo e perdeu a cultura, eu acho que não. A senhora considera que com essa mistura com a Igreja Católica perdeu alguma coisa do candomblé?

M.R- A mistura não perdeu, eu pelo menos não deixei. Porque antigamente elas mandavam as yaôs irem à Igreja, aqui continua indo, só que aquela coisa de sincretismo de ir até a festa dos santos católicos, não sabe por que aqui a gente não guarda isso, aqui o orixá é o orixá. Ogum é Ogum Xangô é Xangô. Não essa coisa

En - Eu percebi na maioria das casas que eu fui que apesar do contato com a igreja Católica, houve a preservação dos ritos, das tradições, a pessoa vai à igreja, mas preserva o rito.

M.R- Não tem isso de trazer o santo da Igreja para dentro do candomblé, porque nós cultuamos a natureza...

En - Ontem, fui a uma palestra, e o Antônio Olinto, que foi adido cultural, morou na Nigéria, é Obá de Xangô, é o dono da coleção.

M.R- Antônio Olinto é obá de Xangô, dentro do Opo Afonjá

En - Exatamente.

M.R- Ele é, mas dentro de Salvador.

En - É de Salvador. Ele disse que procura o Bira de Xangô aqui quando não pode ir até lá, a questão é que até os antropólogos deixaram a entender, que Xangô não é São Jerônimo, como todo mundo entendia, que o Candomblé...

M.R- Mas antigamente as Yalorixás, elas cultuavam, pior que a minha mãe de santo tinha o São Jerônimo, agora, nós não temos.

En - Depois que liberou o respeito maior com a religião das pessoas...

M.R- Separou um pouco, A igreja católica, é a Igreja católica, a evangélica, é Evangélica, eles não nos tem como religião, mas nós os temos.

En - É uma religião. Eu vejo esse projeto dentro do IPHAN, instituição de pesquisa federal, como um grande avanço, é o reconhecimento da religião dentro desse contexto brasileiro, com a intenção de preservar o conhecimento.

M.R- Felizmente nós temos

En - Eu acho que já é uma vitória.

M.R- É também a parte do respeito ao negro, não é?

En - Está bem melhor do que era, e vai melhorar. Eu vou fazer umas perguntas mais a respeito do santo, a senhora tem quantos anos de santo?

M.R- Feito?

En - É.

M.R- 38. Comecei em 17/05/1969.

En - Depois, nas fichas faremos o cronograma certinho...

M.R- É bom isso ser registrado.

En - E a fundação da casa?

M.R- Eu não tenho datas, não foi me passado. Acho que foi 1950 ou 1951, a casa já existia,. Acredito desde 1940.

En - Foi em 1951 o primeiro barco?

M.R- Foi em 1951, em 1946, 47 já estava funcionando, minha avó Aninha deixou aqui fundado, mas não deixou a casa de candomblé em pé, ela deixou fundado foi para Salvador, e voltou aqui, deixando Mãe Agripina aqui feita, Acredito que foi em 1945.

En - Ela veio com esse propósito de fundar uma casa?

M.R- Eu acredito que ela tenha vindo com o propósito de fundar um axé porque queria vir embora de Salvador para o Rio, pelo que eu sei queria se estabelecer no rio, mas Oxalá não deixou.

En - Porque já tiveram casos, da gente conversar com babalorixás que vieram fazer obrigações aqui e foram ficando, abriram casa, como se estivessem predestinados a isso...

M.R- Ela veio com o propósito de ficar no Rio.

En - A casa começou pequena e foi crescendo, a senhora tem de memória como isso aconteceu, tem alguma coisa de como era?

M.R- Não. Eu sei que era uma fazenda de arroz, então, foi erguido aqui primeiro o mastro com uma lona, onde elas faziam as reverências aos orixás, depois então cresceram devagar.

En - É interessante esse primeiro mastro para identificar o espaço.

M.R- Mas nós não temos fotos nenhuma, até porque, pelo menos o nosso axé, não permite fotografar nada, eu acho que é mais difícil essa coisa de fotografia, eles não faziam.

En - É, na casa de Mãe Meninazinha, a primeira que foi em Marambaia, lá ela tem por acaso uma foto que era casa de taipa, telhado de taipa, alguém teve essa preocupação.

M.R- Aqui não, eram pessoas muito antigas e aí eles não tiveram essa preocupação de foto, seria bom se nós tivéssemos. Eu me preocupei com isso, já fiz.

En - A gente pode voltar aqui e fazer outros registros, ver as sequências de modificações, não queremos manipular e mexer em lugares sagrados.

M.R- Mas aqui existem cadeiras, armários, fala para a menina registrar, móveis, cadeiras, atabaques, do tempo de Mãe Agripina.

En - Os atabaques são bem antigos, só vendo pela carinha deles, isso é muito bonito, **estimular essa presevação, porque está havendo algumas modificações que não tem nada a ver. Então, esses que estão preservando têm que ser ressaltados, até para estimular. Tem festas dessas de Calendário?**

M.R- Nosso calendário é feito a partir de Setembro, final de Setembro começa com Oxalá e termina com Xangô entregando para as águas e nesse intervalo tem as festas. Oxalá tem obrigação para Exu, Ogum, Oxossi, Omolu, para Nanã, para Oxumarê.

En - Mas vocês fazem tudo direto?

M.R- Em dias determinados.

En - Finais de semana?

M.R- Finais de semana, a gente não pode fazer meio de semana.

En - São finais de semana seguidos?

M.R- Sempre seguidos para não demorar muito.

En - Dá uma canseira danada?

F - Semana passada não teve por causa do espaço de tempo do apetê, para iabá.

M.R- Hoje tem o apete, mas eu tive, (?) me chamou para ir até a África e eu tive que ir, eu não cheguei a Togo, eu iria desembarcar em Dome para poder chegar a Togo, eu fiquei em Paris porque a França estava em greve, então não consegui chegar, eles vão fazer um novo evento, até por causa da comissão Brasil, nós não chegamos, éramos cinco pessoas, duas do Rio e três de salvador, a gente não conseguiu chegar, ficamos em Paris.

En - Eu tenho muita vontade de conhecer aquela área da Nigéria

M.R- Já estava tudo programado para a gente passar na Nigéria, todo calendário estava

pronto, mas a Air France entrou em greve e voltamos pela TAM, mas o boing que veio de lá foi bom.

En - Vamos voltar ao calendário...

M.R- Começa com Exu, Ogum, Oxossi, mesma festa Ogum e Oxossi, Iansã. Aí vem as Iabás apeté, Olubajé, Xangô e presente para as águas.

En - O presente para as Águas é no final de Novembro?

M.R- É no final de Novembro a gente faz o presente para as águas.

En - Esse calendário é acompanhado pelo calendário do Opo Afonjá da Bahia?

M.R- Não, porque lá é diferente, eles fazem no meio de semana, nós, somente nos finais de semana...

F - Só algumas datas, 29.

M.R- Só algumas datas. 29 de Junho ou Cinco de Maio, quando cai Oxossi, quando cai Corpus Christi e 29 de Junho. Aproveita-se então, é nossa tradição, é tradição de axé, 29 de Junho, comemora-se Xangô e Corpus Christi que é Oxossi.

En - Não importa a data...

M.R- Não importa a data, não importa o dia.

En - Vocês fazem as águas de Oxalá em quantos domingos?

M.R- Em três, primeiro Domingo é de Oxalufã, o segundo é a procissão, e o terceiro é o pilão. Têm terreiros que eu não entendo, fazem a festa para Oxalá, toda em um só dia.

En - Na Bahia eles fazem o mesmo?

M.R- Na Bahia é o mesmo arô, mas as Iabás eles dividem, o dia de Oxum, Um dia de Yemanjá, e um dia de Iansã, aqui a gente não tem condições.

En - Qual é o Santo da Senhora?

M.R- Sou de Yemanjá.

En - Aqui na casa tem espaço separado para os filhos de santo, a senhora mora aqui?

M.R- Eu não moro e nem tenho filho de santo morando na casa. Temos uma filha de uma filha de santo da casa que mora perto e que cuida da casa. Cuida da limpeza e do zelo, assim como um filho de santo que mora aqui perto.

En - A senhora tem quantos filhos de santo feitos?

M.R- Tenho bastante, quase noventa.

En - Têm alguns com casas abertas?

M.R- Com casa aberta, não.

En - A senhora tem pessoas com aqueles cargos normais de Ogãs, Ekedis? E aqueles cargos de Yamorô, Yáegbé, Yabacé?

M.R- A gente tem aqui Yáegbé, tem Ekedis, tem Aquidexê, tem Ogãs, Ojuobá, Yá dagã, Yakekerê, Yabassê, Yamorô, Ajimuda, yacalá, e yaecú não têm...

En - E yacalá, o que é? Qual a função?

M.R- Ela traz os obás de Xangô no dia de Abacê

En - Oxogum...

M.R- Tem Oxogum, Baba egbé, ele é quem pega as folhas da casa, sem ele... Nada seria feito, ele levanta cedo, vai para as matas, ele pega as folhas, recebe o cargo de Babalaô.

En - É interessante a coisa das folhas, mas a pessoa que recebe esse cargo já vem sabendo muitas coisas, não é? Traz a bagagem...

M.R- Aí eu não sei, ele, o da casa fez santo, ficou um tempo fora foi para Brasília, e voltou, nunca deixou falta.

En - É um cargo importante.

M.R- Com certeza, a maioria desses cargos tem Okê e Ossê. Tem Alabê já confirmado.

En - Pergunta para uma outra pessoa: E o seu cargo, qual é?

F - Otum tebexê e Ekedí de Oxossi

En - Qual é o seu nome?

F - Tauaná dos Santos.

En - você foi feita com doze anos?

F - Foi com doze anos

En - Quando foi? Qual ano?

F - Foi em 2002.

M.R- Julho de 2002, 20/07/2002. Seria bom acrescentar que o primeiro barco saiu no dia 01 de Fevereiro de 1992.

En - Foi na época que a senhora assumiu aqui?

M.R- Eu assumi em 25/09/1989, porque a minha Mãe de santo foi para Salvador e aí veio o recado para a casa continuar, veio à ordem de Xangô querendo que continuasse em movimento.

En - Tem uma menina do nosso grupo, a Katiúscia, que é neta da Mãe Senhora do Opo Afonjá, a senhora conhece, vai muito lá?

M.R- Não, eu ia ao tempo da minha Mãe Cantu que foi embora em 1988, fui em 89, 90, 91 ela veio, eu não fui. Ela foi embora em 1992 e até 2004 eu fui, mas depois ela faleceu e eu não fui mais, Ela faleceu em 27/06/2004, Ela faleceu com 104 anos , ela era de 16/03/1900.

En - Era lúcida?

M.R- Era lúcida.

En - Parece que a Guaiacu Luísa faleceu também com essa idade, era Jejê, o Bira comentou que era rigorosa conta alguma história, conte a sua trajetória...

M.R-Eu comecei com a minha mãe carnal, ela veio de Salvador trabalhar, voltar e fazer orixá. Ia fazer no Engenho Velho. Aqui ela casou, teve filhos e não mais pensou e voltar. Quando a coisa apertou, ela teve que ir, foi para o baixão e não para o Engenho Velho, foi filha de santo de seu Procópio de Ogunjá, e ali ao lado de dona Olga, e ele parente de santo de Mãe Meninazinha. A avó de Meninazinha era irmã de santo da minha mãe, Ela era também filha de seu Procópio, assim comecei a freqüentar Candomblé, ia muito à casa de seu Nonô, freqüentava a casa dele e de Mãe Regina de Bombochê.

En - Ela também está com 100anos.

M.R- Opo Afonjá, nós conhecemos através de Railda, que é filha de santo daqui, ela é de Oxum, mora em Brasília... E aí minha mãe me trouxe para cá, eu não tenho filhos, a Railda veio para aqui com seis meses de vida. Viemos para cá na procissão de Oxalá, eu nunca freqüentei várias casas, eu visitava, mas casa para entrar de fato só essa. Ligação com o Candomblé só mesmo da parte da família da minha mãe. Meu pai era Caboverdiano, eu vinha com a minha mãe, e ficamos! Eu minha irmã e um irmão caçula, o mais velho não, mas respeita, essa é minha trajetória no Candomblé.

En - O nome completo da senhora é...

M.R- Regina Lúcia Tostes dos Santos, 66 anos, nascida em 16 de Fevereiro, tenho 38 anos de santo.

En - Tem alguma história que a senhora gostaria de contar, alguma memória da casa?

M.R-Sempre fui feliz com os orixás, e com a minha mãe de Santo, tenho uma história a relatar, de quando o jornal "O Dia" vem aqui fazer uma entrevista, e lá fora a igreja evangélica aproveitou o gancho para fazer uma matéria do jeito deles. Isso nos deixou perturbados. Eles disseram que nós fazíamos aqui no local bruxaria, o demônio era Oxum. Essa menina tinha dois anos.

En - Um ato de perseguição e violação de privacidade, não é uma violência.

M.R- Um pouco da não aceitação por eu ter assumido a casa, mas com o orixá sou feliz.

En - Na verdade sempre saem àqueles que são para ficar.

M.R- Sim. Aqui chegam alguns fica um tempo, mas quem diz para ficar é Xangô. Ele pode até deixar ficar alguns meses, mas se ele disser que não fica, por si, vai embora.

En - Tem algum relato, alguém, que tenha feito obrigação e tenha ficado bem, conta alguma coisa...

M.R- Tem o Emerson, a mãe dele recolheu, e ele ficou comigo. Sempre quando recolho alguém pergunto a Oxalá como está o dia, o que fazer e Oxalá dizia que havia alguém de Ogum doente, precisando curar e eu dizia que não porque todos estavam bem e ele disse o garotinho, e aí fez. Hoje, ele está com 14anos.

En - Mas ele é rodante?

M.R- É rodante, mas Ogum ainda não pegou ele não.

En - É difícil, mas às vezes, isso acontece, não é sempre. Quer falar de uma outra?

Porque a gente gosta de ouvir memórias da casa...

M.R- Posso falar da minha mãe criadeira, que morreu com quase 100anos, morreu ano passado, foi à primeira filha de santo da casa de Helena de Ogum, foi quem me criou na camarinha, tinha Otumbê, as coisas ruins não são boas de lembrar, registrar.

En - Na casa tem feitura de algum santo que seja raro de fazer, que quase ninguém mais sabe?

M.R- A minha filha de barriga tem a história do barco dela, a minha filha é de Irôco.

En - Ela é de Irôco?

M.R- É, foi difícil, até na Bahia eu ande para tentar fazer. Só dizia, é lãnsã, mas Irôco apareceu e ela foi feita aqui pela Yakekerê Dinorá, que é mãe de santo dela, eu tive que trazer Beata de Yemanjá, aqui junto com seu filho Adailton para poder ajudar e fazer a menina, porque a gente nunca sabe tudo, tem que procurar o melhor. Eu tive problemas com um menino de Exu, porque diziam que no axé não fazia Exu e Xangô me mandou fazer Exu, e esse menino entrou no barco dela. Houve polêmica, o axé ficou lotado, aqui não dava para se mexer, eram seis no barco. Eles vieram só para isso.

En - E foi feito Irôco, todo mundo diz que não se faz...

M.R -Irôco é árvore, a gente cultua natureza, então...

En - Na minha casa, no meu barco tinha uma pessoa de Exu.

M.R- Mas aqui no nosso axé Opo Afonjá não faz Exu, mas minha avó Aninha fez uma senhora de Exu bii, então, eu fiz, não só por ela, mas porque Xangô falou, faça porque senão verá o que vai acontecer, e eu já havia recusado um que apareceu, e ele disse mandei o segundo. Eu respeito o orixá e não pessoas, até telefonema de São Paulo, recebi dizendo que eu era "peituda" por recolher Exu. Sou sim, já se vão seis anos, foi em setembro de 2002.

En - Na verdade pelo que eu vi, tem que trocar informações por conta de fundamentos, se o orixá quer que seja feito você não vai pegar alguém de Exu e fazer Oxum, se ela é de Exu.

M.R-A minha filha está como prova, ela sendo de Irôco desde os três anos de idade, eu sabia, mas queriam fazer lãnsã.

En - Isso é respeito, a tradição deve ser respeitada, mas toda a regra tem exceção e às vezes o pai - de - santo não saber fazer determinado santo e faz outro, é porque não tem humildade de dizer não sei.

M.R- Tem que se ter humildade, mas alguns não, são arrogantes.

En- É muito mais certo pedir a ajuda de alguém, do que errar e travar a vida de alguém

M.R- Uma pessoa mal feita leva a loucura.

En- Para o recolhimento a senhora mantém a tradição dos 21 dias, como se faz?

M.R- Eles ficam aqui descansando e dependendo do orixá, são 12,14 ou 16 dias.

En- Quando a Yaô dá obrigação fica quanto tempo de quelê? Fica três meses?

M.R-O tempo necessário, mas não é tanto tempo, pois a pessoa precisa trabalhar e nós não deixamos a Yaô sair de quelê amarrado e enrolado, mas o resguardo é de três meses

En- A retirada de quelê faz depois da festa?

M.R- São dois dias depois.

En- Essa tradição de datas daqui é seguida na Bahia?

F - Sim. Omolu 14, Xangô 12.

Palavras para incluir no glossário:

Yá Nassô, Yádetá, Yacalá, apetê, yaegbé, yabacê, Ya dagã, ajimuda, iacalabá, iaeku, yabacê, baba egbe, otum tebexê, Yakekerê, guaiacu, de Ogunjá, camarinha, bii, otumbê.